



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E SEUS FIOS CONDUTORES DE LUZ

Luciana dos Santos da Cruz*
(UESB)

RESUMO

O presente artigo busca dialogar como a inspiração de um modo de viver e pensar gregos ainda desabrocham na Educação. O afeto é efetivo tanto na vivência quanto na práxis pedagógica; ele é movente educativo e de autoconhecimento. Duas foram as teses de educação contemporânea as quais os ventos e correntes marinhas da pesquisa conduziram-me: as ideias de *origem* e *autoformação* extraídas da filosofia de Galeffi e a *pedagogia da duração* de Rita Célia, produções atuais da FACED-UFBA.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Educação. Ética.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma navegação que venho fazendo acerca da Educação desde a vertigem aristotélica e a educação grega. Este trabalho aponta então é onde cheguei e onde queria de fato chegar na educação contemporânea e na práxis pedagógica como bússolas para docência. Escolhi duas obras recentemente produzidas na Faculdade de Educação (FACED/UFBA) para navegar a complexidade da Educação contemporânea. A *poética da formação* de Dante Galeffi e a *pedagogia da duração* de Rita Célia Torreão. Foram com estes sopros que desencalhei meu barco e cheguei na educação contemporânea, após uma

* Mestranda do PPGE – FACED – UFBA. Membro do grupo de pesquisa de Epistemologia Transdisciplinar da Complexidade EPISTRANSCOMPLEX/FACED-UFBA. Professora substituta da UFRB. E-mail: advlucianacruz@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

considerável calma de ventos e tempos na Grécia Antiga. Lá estive hipnotizada pela filosofia e pela Paideia grega e não cansava de contemplar as relíquias daquele mundo ético-estético de maravilhas, e belezas imensuráveis.

Estas duas teses escolhidas sobre educação contemporâneas são estudos recentes com os quais procuro articular o estudo sobre a ética aristotélica e o universo grego de formação com a Educação, neste artigo. Tanto numa obra quanto noutra estão presentes os ecos de Aristóteles, entre elas existe uma amizade que ordena e comanda pensamentos e sentimentos de saberes e dizeres. Outra forte semelhança é que ambas utilizaram o método da intuição e criaram conceitos num esforço heroico para explicar o fenômeno do educar. Neste sentido, elas são revolucionárias. Os antigos paradigmas da educação, cuja práxis pedagógica era uma militância replicante e replicada e prometiam fazer história, uma parte foi direto para história, e a outra retornou ao seu começo mas cederam lugar aqueles que aguardavam sua vez de progredir.

A tese de Galeffi cuja ideia central é autoformação, parte de uma análise da origem para chegar na complexidade do fenômeno educacional.

Em sua mais recente criação Po(éticas) da Formação, Dante Galeffi percorre o caminho que parte da origem para falar da autoformação. Assim, ele começa o estudo falando de sua própria formação, para, no fluxo, chegar ao tema da educação, que propõe como “trans-formação humana continuada” (2012, p. 62).

No esforço de desenvolver uma nova práxis pedagógica, o professor Dante Galeffi cria novos conceitos, como pensar próprio e apropriado ética própria e apropriada, autoformação. Passando pela ideia fundamental de que todos somos inseridos no pensar impróprio, mas que a educação possibilita a alteração⁴¹⁴ de um pensar impróprio que para Galeffi significa o “conjunto universal de todos os

⁴¹⁴ “Segundo Aristóteles é uma das formas de mudança, mais precisamente aquela que se conforma à categoria da qualidade, não se entendendo aí por qualidade a que é essencial a uma substância e se expressa na diferença específica, mas a que uma substância ou realidade recebe ou sofre” (ABBAGNANO, 2003, pag 35)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

preconceitos ativos nas representações sociais dominantes e nas inter-retroações individuais” (2012, p. 80) para o pensar próprio e apropriado.

O transito do pensar improprio para o pensar próprio possibilita a construção também de uma ética própria, que advém de uma ideia grega de ética como autocondução para a plenitude da autorealização, sendo assim uma filosofia prática.

Assim, Galeffi parte da palavra grega *poiésis*, tomada como *vigência autoprodutivado ser-poeta na totalidade*:

Trata-se, sim, de um artifício, uma arte, uma construção ou produção de algo intencionalmente questionado e investigado. Só intuitivamente se pode alcançar a magnitude da vastidão da *physis* grega em toda sua majestade. E toda intuição é ato vivo de quem intui enquanto vive humanamente. (GALEFFI, 2012, pag 65)

No sentido destacado por Galeffi, a *physis*, da definição de Heidegger enquanto “*a vigência autoinstauradora do ente na totalidade*” faz parte cada ser humano nos diversos ciclos de existência. Isso para o destaque dado pelo próprio autor da origem enquanto princípio de toda educação, como autoformação, que é o sentido buscado aqui nesta pesquisa para destacar que no tempo presente a ideia de *areté*, é adequada como elemento articulador para as relações em torno das quais se desenvolve a Educação. E “*A physis grega permanece preservada em sua amplitude insondável: a vigência autoinstauradora do ente na totalidade*” (GALEFFI, 2012, p. 66).

Mas é a partir desse conjunto das ideias gregas de *physis*, *poiésis* e ética que o autor explica como a Educação pode provocar a alteração do pensar impróprio para o pensar próprio dentro de sua po(ética).

Quando Aristóteles conduz em seus estudos sobre ética a um caminho diverso do que se tinha com Sócrates e Platão acerca da razão como o lugar exclusivo da ética, é possível verificar a abertura para o autoconhecimento, isso



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

porque Aristóteles leva em conta o desejo raciocinante e a possibilidade de que é através da educação do desejo que se pode de fato ter ações verdadeiramente éticas. Para Galeffi, em seu estudo da *po(ética) da formação*, é essa abertura Aristotélica que permite um salto da ética imprópria para a ética própria, uma abertura para as possibilidades humanas que escapam do racional, isso porque na *po(ética) da formação* se considera sobretudo as dimensões poéticas e estéticas como caminho para um pensar próprio, cito: “A interrogação se faz presente no momento de saltar para a *po-ética* do pensar próprio. É preciso deixar falar o campo da propriedade poética e ética. Deixar ser a estética como caminho poético e ético do pensar próprio”. (2012, p. 100).

É fundamental, pois, retomar a ideia já exposta aqui de ética como filosofia prática que requer a educação da excelência moral, nas palavras de Galeffi, pela experiência e pelo costume de agir em todas as ocasiões corretamente. Evidentemente que ao trazer essa dimensão de ética como autoeducação e autoconhecimento em relação à vida prática diferenciando-a da dimensão apropriada pela tradição romana que transmudou o termo para moral, o autor chama atenção para aquilo que pude vivenciar nos estudos de Direito. E que me faz retomar a questão inicial da motivação e me fez vir buscar na Educação aquilo para o qual no Direito não pude verificar na formação do ser humano.

Aquilo que percebi enquanto estudante de direito, que o Direito trata a lei, mas não na sua abrangência, uma vez que pune, mas não educa o cidadão, alias forma (*morphè*) é uma noção fundamental na filosofia aristotélica que designa o aspecto belo, prazeroso e harmônico de uma coisa. Isso porque enquanto herança do que se apropriou da tradição romana, não está voltado para o estudo do humano enquanto autoformação, autoeducação.

É o que foi, de outra forma, trazido por Galeffi ao fazer uma busca tanto etimológica quanto filosófica do que se metamorfoseou da Grécia para Roma, no quadro que ele denomina como “*Figuração sintética da similitude e dicotomia entre*



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ética e moral no ocidente"⁴¹⁵ quando do *éthos-êthos* que de alguma forma assimilava-se a uma autoformação e autorealização, mais próxima à dimensão grega de *eudaimonia*, a tradição romana, transformou em *moralis* para a qual a formação vem do cumprimento do dever externo, sentido mais próximo de auto-subordinação à autoridade externa. O que para o direito importa uma deontologia e virtude como dever relacionada a prêmio e castigo.

Ora, isso no tempo presente está bastante potencializado, quando se nota um excesso de regulamentações e normas que pretendem ordenar a vida moderna de acordo não com a autoformação advinda de uma herança grega de educar para a virtude, mas com essa formação uniforme (disforme) que se impõe como lei e que desconsidera a heterogeneidade e complexidade das relações homem-mundo-homem.

Isso não pode vir de um excesso de regulamentações, leis, alterações do códigos e regulamentos, mas ao contrário, de uma Educação que ultrapasse as amarras curriculares que não compreendem os momentos aprendentes lugares-acontecimentos, nos termos de Macedo (2012, pag 149)

A autoformação e o lugar acontecimento são mais importantes para a formação do que o currículo escolar, toda a minha vida não esteve pautada pelo currículo, mas sim pela vida vivente dos meus lugares de autoformação, na afetividade do *locus* familiar, motivada pelo constante debate festejado e comemorado. Trilho um caminho de ser professora de filosofia, atualmente na UFRB, o que não se verificaria facilmente pela minha experiência curricular acadêmica de formação.

É um lançamento para uma ideia que em mim transborda como a educação antes de tudo como um dever. O dever de se educar. Isso porque, se tudo começa com a autoformação, o corpo é o lugar aprendente. A Educação aqui tratada antes de tudo como autoformação é o meio e o fim ao mesmo tempo, no

⁴¹⁵ Neste sentido ver Galeffi, op cit. Pag 97, na segunda figura.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mesmo sentido que Aristóteles atribuiu à disposição, portanto à virtude, ela não é apenas um meio, mas meio e fim. O estudo da ética torna-se assim adequado para que se dê esse caminho que leva ao autoconhecimento. Conhecer o outro é um saber conhecer a si é uma sabedoria (Spinoza). Mas ética tratada como uma compreensão e preparação da ação no sentido aristotélico e essa abertura é a possibilidade de se desenvolver uma filosofia para educação no sentido aqui investigada.

Sentido esse que une as duas teses de filosofia da educação contemporâneas, a *pedagogia da duração* e a *autoformação po(ética)*, isso porque ambas estão voltadas para o indivíduo e o tempo presente na duração. Mas dizer que está voltada para o indivíduo não significa de modo algum dizer que se perde a esfera do outro, muito pelo contrario, invoco aqui a definição de Geleffi (2012, pag 107) “Os indivíduos são individuações de espécies singulares: realizações existenciais de conjunções ontológicas implicadas. Todo indivíduo é, pois, uma singularidade encarnada de uma dada espécie”.

As poéticas da formação não podem esquecer o singular da formação. O ato ético se ajustando às atualizações da consciência do agir correto. O mais belo é o que se mostra a inteligência em sua encarnação e não mais se separa o sensível do Inteligível, o corporal do mental. (2012, p. 122)

E aqui, volto a Jaeger, que em sua *Paideia* descreve como a dimensão estética era parte do modo de ser grego, o que aponta que a educação contemporânea pensada por Galeffi como união da ética com a poética nos remete a como a herança grega pode ser retomada como um caminho abrangente e vivificante para a educação no tempo-presente.

O estilo e a visão artística dos gregos surgem, em primeiro lugar, como talento estético. Assentam num instinto e num simples ato de visão, não na deliberada transferência de uma ideia para o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

reino da criação artística. A idealização da arte só mais tarde aparece, no período clássico. É claro que não basta insistir nesta disposição natural e na inconsciência dessa intuição para explicar porque aparecem os mesmos fenômenos na literatura, cujas criações não dependem já da visão dos olhos, mas da interação do sentido da linguagem e das emoções da alma (2011, p. 11)

Ora, é justamente seguir a visada aristotélica, de unir “mundos”; sensível, inteligível, corporal, mental, estão todos encarnados no tempo enquanto duração, transpassados, atravessados um pelo outro, na presença e na vida mesma do ser humano.

A pedagogia da duração proposta por Rita Célia Torreão, na obra *Nas asas da borboleta: filosofia de Bergson e educação*, defende uma educação singular, em que não existe o grupo, porque para uma só aula dada numa classe, cada aluno ouve de um jeito conforme sua *autoformação*. O aluno aprende o que ele quer e o professor ensina o que sabe independente de amarras curriculares educação é singular. Defende uma educação da vida e prioriza a vida

Mostra que há apenas duas formas de ensinar, pelo adestramento e pelo misticismo, que trago aqui como complemento dessa autoeducação. A *pedagogia da duração* é um esforço de construir a pedagogia como ciência da educação comprometida com a vida.

Educação como um espaço de vida é o esforço da autora, para quem os vários métodos pedagógicos positivistas ou não sempre estiveram contaminados por uma visão cientificista da Educação, a pedagogização do conhecimento pensa ser tudo construído, inclusive o conhecimento e educação, mas a vida não é construída, ela não parte da periferia para o centro, como uma casa ou um carro, a ideia de construção é extremamente forte numa sociedade industrial e onde o trabalho é o maior valor em todos os discursos, capitalistas, marxistas, e é abraçado pelo materialismo. Tudo hoje é construído e principalmente em equipe, o que se enfoca é ser coletivamente construído, mas a vida é criada. Ela não pode ser



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

analisada como uma máquina, onde tudo é construído e cada peça vem da periferia para o centro, a vida explode do centro para a periferia e não adianta repartir um ovo em micro partes que lá não encontraremos o canto do galo, ele será criado, o canto do galo parte do ovo para o amanhecer num fluxo de evolução criadora, no ritmo alucinante do fluxo vital.

O aluno não é um conceito, é uma pessoa, e uma pessoa não é consequência imediata de sua etnia ou classe social, mas algo vivo que hesita e cria, ele não é construído pelo seu passado, ele é criado, se é criado é algo novo, que surge a partir de suas próprias escolhas. (TORREÃO, 2012, p. 42)

Nesse fluxo criativo a figura do professor é recuperada, ele não é mais um animador de auditório ou um tirano, nem mesmo um mediador, na pedagogia da duração o professor é aquele que aprende ensinando e o aluno o que ensina aprendendo, e nesse encontro do professor com o aluno é que acontece a explosão criadora da Educação.

Quem estuda visa o conhecimento, e o poder, já que saber é poder, mas quem aprende visa o ser, transforma-se de lagarta em borboleta, morre para nascer, aprender estar mais próximo do pensamento que do conhecimento, e pensar é muito mais um não saber. O saber é conceito, imóvel e perene no mundo das ideias, o pensamento mora no espanto e no desamparo dos homens diante do mistério do ser.

Assim a trajetória do aluno é semelhante a de uma borboleta, ele se alimenta desesperadamente, estuda e escuta o professor, conversa com os colegas, depois morre, entorpece num casulo, para depois renascer borboleta e voar com suas próprias asas. É o sonho e a glória de todo professor ver seus alunos morrerem lagartas (alunos) e renascerem borboletas (pensadores) e voar no seu tempo para construção do seu futuro; e como todo ato humano atinge toda humanidade cada aluno faz e refaz a humanidade, aqui parece residir a dignidade de ser professor. Aprender é um morrer assistido, para renascer e criar asas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A *pedagogia da duração*, contrária a pedagogia freiriana, propõe uma educação voltada para o pensamento, para o desapego e a mobilidade, num esforço de compreensão de que o ser humano não se reduz a classe social, a etnias e esses trajes exteriores que nos distraem de nosso verdadeiro destino, tornar-se o que se é. Para isso é preciso mais atenção a si, e certa distração a exterioridade, o *eu profundo* é avesso a protocolos e não existem normas para a vontade.

Num mundo cientificista, na sociedade do conhecimento, do materialismo e do poder, tudo que flui parece ameaçador, tenta-se aprisionar em modelos, paradigmas, o pensamento; vivemos uma ditadura normativa, onde se tem normas para tudo, desde a sexualidade às relações afetivas, em tudo há lei e processos. A moda do politicamente correto forma cidadãos em serie, e já não existe espaço para a consciência e é esse espaço, esse vazio, que é apontado como o lugar em que a educação pode realmente proporcionar ao indivíduo que ele seja um.

A pedagogia da duração também traz um método como sendo aquele mais adequado para a educação, que é a intuição, um método rigoroso e preciso desenvolvido por Bergson, não acerca da educação, mas que Rita Célia Torreão, mediante uma apropriação do método bergsoniano, o traz para filosofar o fenômeno do educar devido à complexidade desse fenômeno, pois ele cria uma simpatia pelo objeto e se apropria de forma inteira do fenômeno, sem precisar se misturar com ele. Mas essa intuição só acontece com o trabalho exaustivo da inteligência:

Outra tese de Bergson importante para compreensão da intuição é de que sendo a consciência viva, e é a maior expressão de vida. Transpondo para educação, o discurso do encontro e a aula, como manifestação da consciência é vivo também, e deve ser entendido como orgânico, não como algo morto e construído onde podemos analisar as partes que o compuseram, vendo as falas anteriores, os colonizadores, como se o discurso fosse uma parede que é composta de tijolos e poderíamos tirar tijolo por tijolo, palavra



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

por palavra, frase por frase. Assim, todos os discursos são verdadeiros por serem “do ser” e, portanto, reais. (2012, p. 214)

Esse método da intuição é proposto como a possibilidade de apreender aquilo que faz a coisa ser o que ela é, na sua completude, e a ideia de duração é fundamental, uma vez que na utilização desse método para a educação, o tempo é compreendido como duração.

É nessa crise do pensamento e da educação que surge a *pedagogia da duração* montada na metafísica de Bergson e sua homenagem a tudo que vital, que flui e pulsa, ou seja a vida. E é justamente o ponto em comum que une as duas teses escolhidas nesta parte da dissertação, para falar de um fluxo que é um repensar o modo de vida e educação gregos, bem como a filosofia prática aristotélica e me conduziram a essa forma de apontar a educação contemporânea como proposta de uma educação do vivo, mutável e livre, no sentido em que destaco:

O individuo pessoa não tem realidade, mas liberdade. Explicando melhor: os universais ou conceitos não existem, são ideias; sendo assim, a existência mesma é do individuo. Por mais que a ciência que cuida da educação desses indivíduos tenha vontade de formatá-lo, ele foge, porque pode viver sua vida pensando uma representação Alguns indivíduos, ao vestirem a indumentária de uma representação, terminam-se pensando essa representação, e não sabe mais quem ele é. Assim existe o individuo coisa e o individuo pessoa a coisa é, e não foge de seu destino; a pessoa não é ela se escolhe o tempo todo de sua duração, no jorro continuo de novidades cada uma foge de seu destino e descreve um trajeto trágico ela não está dada, é jogada. (TORREÃO, 2012, p.76)

E a união dessas duas ideias destacadas da produção atual da filosofia da educação me conduziram à ideia de afetividade enquanto uma dimensão fundamental nesse contexto, relacionada essencialmente à ideia de corpo como o lugar em que nos encontramos com o mundo e que produzimos sentido.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CONCLUSÕES

Inicialmente, a distância temporal e cultural que separa os universos grego e contemporâneo se apresentava como um obstáculo, mas quando se coloca em suspensão as contingências do momento grego de desenvolvimento da filosofia e da educação, para apreender a essência mesma do fenômeno do educar no modo de vida da Grécia, é que muita coisa teria de jogar fora para aceitar a determinação de esperar o inesperado; a intuição dos fenômenos do educar que ia aparecendo passo a passo; foi quando pude perceber o misticismo como aprendizagem e difusão do conhecimento daquele contato com uma forma de pensar tão autêntica até a aristotélica, pois o percurso exigia idas e vindas para Grécia, veio em que ainda jorra lá naqueles ensinamentos filosofantes a sabedoria; veio inesgotável e aberto a desdobramentos e atualizações. Quando consegui colocar em suspensão essas contingências é que foi possível alcançar o fluxo para o qual toda a investigação inicial tendia necessariamente. Todavia essa intuição inicial é cheia de claros e escuros com sombras assustadoras, mas sempre se desfrutou da doçura das sombras.

Falar de ética, conhecimento de si, educação do desejo, afetividade é antes de tudo arte e por isso a estética na autoformação, é na pessoa que a educação existe, antes, acima e posterior a qualquer política educacional, pois é um fato social.

Na Academia, dever-se-ia classificar dois tipos distintos de conhecimento: um reflexivo, outro criador. Um apolíneo, outro dionisíaco. Um feito para a compreensão, outro para anunciar o novo, que desorganiza os velhos hábitos, que destrói, mas revigora com a seiva nova a velha árvore do saber.

As transformações sociais exigem hoje um ser humano mais ágil e sintonizado com as exigências do mundo digital, cibernético. Estas transformações solicitam mudanças na maneira de pensar e de agir frente aos desafios postos aos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

indivíduos mais qualificados, que utilizam conhecimentos advindos de diversas áreas do saber, de diferentes níveis de complexidade para que utilizem com eficiência e eficácia ferramentas de alta tecnologia até mesmo como próteses, para deficiências e exclusões acumuladas entre o saber, o fazer e o poder. Mas, é justamente essa demanda da eficácia quantificada que adoece os seres humanos e a experiência mística, como definida por Bergson, em “Duas fontes da moral e da religião”, parece ser a única forma de atitude que é totalmente fora da demanda de eficácia, e através dela ter a ética como morada, não acerca do que seja certo ou errado, como ensina a ciência, com suas técnicas que servem aos outros, mas apenas como um autoconhecimento que serve a si mesmo, sempre atento à vida.

E é nesse sentido que a educação proposta como autoformação se apresenta como observadora dos fatores interconectados na vivência e convivência com a competência; apresenta-se como tarefa complexa, dificultada, quando a opção volta-se para o modelo tradicional de racionalidade da ciência, que divide, classifica e quantifica e, ao quantificar também desqualifica continuamente.

À complexidade da vida somente o vivo responde e exige transformações no pensar e no educar. Neste caso, a filosofia da educação auxilia-nos na tarefa de unir os mundos de seu mundo, como fez Aristóteles, aceitando o desafio da incerteza e propondo novos olhares a partir de novos hábitos, que se desorganizam para criar e criar para existir.

Assim, levanto essas considerações acerca da autonomia dinâmica dos indivíduos em da busca de identificação dentro das transformações que abarcam o desenvolver-se, crescerem como sujeitos das organizações e da comunidade construindo, protegendo e amparando seus mecanismos de inserção social, de confirmação da sua existência e principalmente, de troca com os demais atores sociais.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

Abbagnano, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2003.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução do grego de António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **De Anima**. Tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis, São Paulo: Editora 34, 2006.

JAEGER, Werner. **Aristóteles. Bases para la historia de subdesarrollo intelectual**. Traducción de José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. **Paidéia. A formação do Homem Grego**. Tradução de Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PIMENTEL, Álamo. GALEFFI, Dante. MACEDO, Roberto Sidnei. **Po(éticas) da Formação experimentações éticas e estéticas no acontecer formacional**. Salvador: Edufba, 2012.

TORREÃO, Rita Célia M.. **Nas Asas da Borboleta. Filosofia de Bergson e Educação**. Salvador: Edufba, 2012.